

A (re)escrita do tempo na compreensão de sentidos espaciais: génese espacial de dois espaços identitários, contrastantes, entre a razão e a emoção

Miguel Angel Silva

Perspetivar o espaço, na sua relação dialéctica presente-passado, refletindo sobre novas possibilidades de entender e interpretar o espaço geográfico a partir dos efeitos da dimensão temporal sobre a espacialidade, constitui o foco do presente estudo.

Deste quadro exploratório e problematizador pretende-se alargar o prisma de abordagem da espacialidade, estabelecendo-se a temporalidade como uma das variáveis a considerar no estabelecimento de uma teoria crítica do espaço e simultaneamente como uma variável a reter na conceção epistemológica do espaço.

Se o espaço possui uma matriz geográfica materializada nas relações estabelecidas entre o Homem e o meio físico, enquanto entidade dinâmica e mutável, quer por fatores naturais e/ou humanos, e, portanto, reveladora de marcas de temporalidade, pressupõe, igualmente, uma matriz histórica, consubstanciada nas ações e processos dos agentes históricos que o foi (des/re)construindo num espaço temporal contínuo.

Pretende-se assim, aprofundar o debate teórico na definição de modelos interpretativos e explicativos de leitura da gramática espacial, que ao se apresentar complexa requer análises multidisciplinares, nesta linha de investigação, a partir do contributo da História ciência no devir do seu tempo histórico.

Simultaneamente pretende-se operar através do conceito de espaço o desenvolvimento de linhas de inteligibilidade, da sua natureza transdisciplinar que proporcione a leitura histórica do espaço e a tomada de uma consciência histórico-espacial.

Com efeito, tais pressupostos circunscrevem dialeticamente os objetivos norteadores do presente estudo a partir dos seguintes núcleos de aceção do espaço como uma unidade total e totalizante em todo o seu conteúdo, forma e sentido histórico:

- A paisagem como elemento mutável e dinâmico decorrente das realizações humanas que se vão metamorfizando num processo temporal de (des/re)construção das suas formas-conteúdo, levando a uma territorialização da sua historicidade;

- O espaço com uma espessura antropológica que se vai sedimentando, arqueologicamente em sucessivos planos de inteligibilidade histórica, que se assumem como categorias discursivas de entendimento e explicação dos quadros políticos, mentais, ideológicos, económicos, sociais, culturais dos sucessivos períodos históricos;

- O espaço produto histórico com uma matriz criadora de base político-ideológica e mental;

A Baixa pombalina, em Lisboa e a Vila de Sintra constituem, neste trabalho, dois espaços nucleares e centrais de desenvolvimento das aceções anteriormente referidas, procurando-se aferir comparativa e antagonicamente a génese espacial destes dois espaços identitários marcados entre a razão e a emoção, respetivamente.

Pretende-se assim, desenvolver linhas interpretativas e contextualizadoras da sua morfologia e estrutura espacial com o objetivo de se elaborarem eixos de compreensão dos sentidos da sua espacialidade.

A interpretação e compreensão da(re)escrita destes dois espaços, ordenada pelos desejos e necessidades de uma sociedade em evolução, ora de base iluminista, no caso da Baixa pombalina, em Lisboa, ora com uma matriz criadora de base romântica no caso da Vila de Sintra, convocam a uma outra abordagem, epistemológica e metodológica, de pensar, sentir e vivenciar o espaço na sua historicidade, abrindo novas perspectivas na relação e construção com o saber histórico, assim como na definição de novos caminhos no desenvolvimento de uma literacia e consciência espacial da História.